

ANA CLARA TORRES RIBEIRO E A SOCIOLOGIA EM DIÁLOGOS: UM PENSAMENTO VIVO QUE ORIENTA LEITURAS DE MUNDO

Cátia Antonia da SILVA¹

Ivy SCHIPPER²

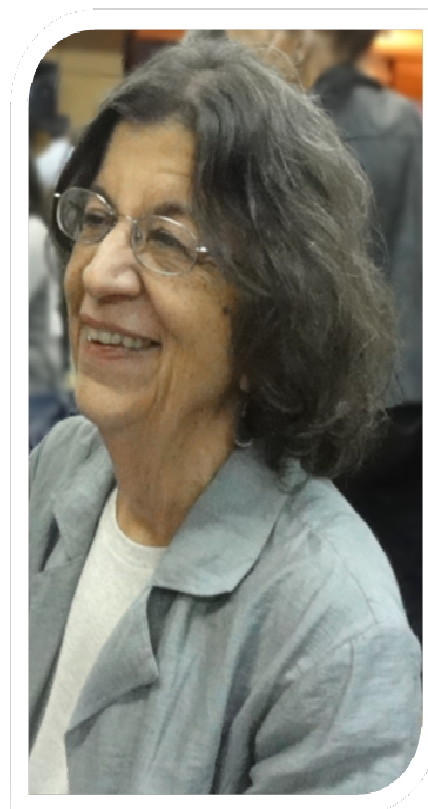
Luís Cesar Peruci do AMARAL³

Vinícius Carvalho LIMA⁴

Introdução

A interpretação dos sentidos da ação encontra-se em disputa em contextos marcados em decorrência do esgarçamento das relações sociais. Talvez caiba ao cientista social participar desta disputa, impedindo que gestos expressivos de carências sociais vividas em situações-limites sejam compreendidos, apenas, a partir do olhar das classes dominantes. Pensamos ser necessário oferecer interpretações alternativas da ação social, apoiadas no reconhecimento das características mais abrangentes das conjunturas econômicas e política e na valorização de cada gesto de resistência do Outro. (RIBEIRO; LOURENÇO, 2005).

Neste artigo nos propomos a recuperar, mesmo que de forma sucinta, as contribuições de Ana Clara Torres Ribeiro para o pensamento social brasileiro, procurando destacar em seu percurso a natureza e posicionamento político progressista e libertário de sua imensa produção acadêmica.



¹ Membro do LASTRO – Laboratório de Análise da Conjuntura Social: tecnologia e território. UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de de Formação de Professores. – Departamento de Geografia. São Gonçalo – RJ – Brasil. 24435-005 – lastro@ippur.ufrj.br

² Membro do LASTRO – Laboratório de Análise da Conjuntura Social: tecnologia e território. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ – Brasil. 21941-916 - lastro@ippur.ufrj.br

³ Membro do LASTRO – Laboratório de Análise da Conjuntura Social: tecnologia e território. Doutorando em Planejamento Urbano e Regional. UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ – Brasil. 21941-916 - lastro@ippur.ufrj.br

⁴ Membro do LASTRO – Laboratório de Análise da Conjuntura Social: tecnologia e território. Mestrando em Planejamento Urbano e Regional. UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ – Brasil. 21941-916 - lastro@ippur.ufrj.br

A trajetória sociológica de Ana Clara foi demarcada pela dedicação e compromisso com a reflexão acerca das temáticas urbano/metropolitanas brasileiras aliadas a reflexão sistemática da ação social. Nesse sentido, sua atuação e pensamento foi um dos expoentes da Sociologia Urbana brasileira, participando ativamente dos marcos fundadores e das discussões/debates do GT de Movimentos Sociais da ANPOCS.

No entanto, como por muitas vezes frisou, a construção de sua Sociologia Urbana não teve origem (embora não houvesse recusa alguma a produção desses autores) na trajetória disciplinar clássica⁵ e especializada dessa área, para finalmente chegar aos dias atuais.

A Sociologia Urbana de Ana Clara tem outra natureza, é um trabalho enredado e coletivo, que nasce do diálogo direto com movimentos sociais, interlocutores, universidades e redes de pesquisa. Nasce de uma proposta interdisciplinar que incorpora, neste diálogo, o uso das teorias da Sociologia e a presença de seu ethos. Sua Sociologia valorizou acima de tudo suas práticas e interfaces com outras áreas do conhecimento entendidas como possibilidades estimulantes. Seus diálogos interdisciplinares - que permitiram também sua sobrevivência profissional nos tempos ditatoriais – foram a gestação de uma Sociologia que se construiu nessas fronteiras.

Importante ressaltar também que o pensamento sociológico de Ana Clara, teve claro comprometimento com a temática terceiro-mundista. Talvez esteja aqui a mola propulsora de seu pensamento, na medida em que buscou pensar a ação social latino-americana associando o pensamento sociológico clássico com as teorias da dependência e marginalidade, do capitalismo monopolista de Estado, que só poderiam ser pensadas no âmbito das desigualdades sociais oriundas do processo de urbanização dos países de nosso continente – nosso impulso de urbano ou para o urbano é um dos fenômenos sociais mais fantásticos que existem.

Então, a Sociologia construída por Ana em seus anos de intenso trabalho é fundada no diálogo e debate crítico com outras disciplinas; um diálogo calcado no respeito aos seus conceitos, em busca de uma evolução das correntes teóricas de pensamento. São clássicas, nesse sentido, suas reflexões acerca do urbano genérico de Henri Lefebvre (2006) e da Urbanização Brasileira de Milton Santos (1996).

⁵ Trajetória disciplinar clássica aqui representada pela Escola de Chicago e Sociologia Marxista Francesa.

Além da riqueza de pensamento conceitual, gostaríamos de ressaltar sua relação com os Outros que sempre expressou através de princípios morais claros e pela delicadeza e respeito sempre valorizados da condição humana.

O presente texto é uma homenagem a Ana Clara Torres Ribeiro, mas reconhecemos, sobretudo, que o mais importante em fazê-lo, é reconhecer a sua obra, o seu fazer, o sistema aberto em “plêiades” que conformam hoje seu pensamento vivo. Vivo porque, de forma densa e profunda, orienta a Sociologia do Presente e a compreensão de futuro. Sem dúvida, Ana Clara está à frente de nosso tempo, sugerindo vicissitudes para o decorrer do século XXI.

Sua abordagem

É preciso trazer à pauta a reflexão interdisciplinar, que embasou a construção sociológica de Ana Clara, fundamentada pela epistemologia das ciências humanas e pelo rigor do método. Essa trajetória, fundamentada em uma sociologia que busca compreender a ação e o pensamento do comum, valoriza as categorias do cotidiano, e do fazer do “homem simples” - de José de Souza Martins (2008), do “homem lento” – Milton Santos (1996), e do “homem ordinário” – Michel de Certeau (2009). Tem forte referência teórica no entendimento do fenômeno urbano aprofundado por Henri Lefebvre (2006) e no acelerado processo brasileiro de urbanização, revisto por Milton Santos (para nós, a leitura a partir do seu próprio discurso, preenche de vida e densidade esses valiosos conceitos). E esse diálogo interdisciplinar se faz presente com diversas disciplinas como a geografia, demografia, urbanismo, saúde, antropologia, ciência política, arquitetura, dentre outras.

Com sua simplicidade no falar, mas com grande rigor ao ensinar, Ana Clara tinha genial capacidade criativa. Alterou a maneira de ver o território, como produção social. Em seu diálogo profundo com Milton Santos (1996), nos ensinou sobre o sentido da indissociabilidade entre o sistema de objetos e o sistema de ações, na natureza do espaço geográfico. Contribuiu, ainda, no aprofundamento do olhar sobre conceitos como sociedade e ação social, lidos a partir do foco da Geografia, tendo em vista a valorização da diferença conceitual e ontológica entre ação e ato, entre ação e agir, entre sujeito e objeto, entre sujeito abstrato e sujeito corporificado.

Como professora, ensinou sobre o cuidado na observância das categorias lidas em outras disciplinas. Assim, ao ministrar a disciplina denominada “Teorias da Ação Social”, no IPPUR/UFRJ, para um público interdisciplinar, aprofundava o conceito de ação e diferenciava-o de acordo com a densa literatura sociológica, geográfica e filosófica, com os conceitos de ato e agir. Dizia ela: “toda ação é portadora de sentidos”; neste contexto surge o desafio de desvendar a motivação, oculta atrás de ações, de discursos, de gestos.

Sua abordagem sobre as teorias da ação social fez com que estas fossem fecundadas de sentidos de imanência, transcendência e de sentidos de secularização (projeção de futuro; construção do futuro a partir do tempo presente), dando maior densidade na leitura da produção social de espaço, com o desenvolvimento de seus conceitos, por que rompe com a leitura hegemônica que procura ver somente os grandes agentes produtores do espaço. Reconhece as formas da dominação em cada gesto e nas formas de tecnificação do território, que alteram as bases culturais e destroem heranças estabelecidas, impondo à sociedade novas necessidades sociais instruídas pela lógica do consumo de massa.

Assim, reconhece a técnica como um dos braços da ação social dos agentes dominantes (RIBEIRO, 2006a). Construiu, também, diálogo importante com a arquitetura ao problematizar a dimensão do corpo na cidade. A monumentalidade muitas vezes se constrói contra a condição humana, lembra ela na interlocução com Paola Berenstein Jacques (RIBEIRO, 2010). Da mesma forma problematizou o planejamento urbano e regional e a gestão da saúde pública em que projetos dominantes negam com veracidade as heranças históricas do tecido social.

Sua filosofia

No entanto ao reconhecer as múltiplas formas de dominação no tempo presente, ela nos orienta para um fazer sociológico, um fazer científico que ultrapasse a leitura da crise societária que reconhecia e analisava com profundidade, para construir conceitos e caminhos analíticos que chamam a atenção para a importância de outras leituras, de outros sujeitos, estes corporificados, que estão nos movimentos sociais, mas estão também nos “movimentos espontâneos”.

Tais sujeitos que resistem, lutam, protestam, reivindicam e inventam o cotidiano. Nesta direção, reconhece os sujeitos comuns, sujeitos de “carne e osso”, que choram, que lutam, que sofrem, que projetam seu futuro, mas que não suportam tantas coisas criadas pelas normas e ações dominantes. Por isso, neste fazer sociológico em diálogo com outras ciências, Ana Clara instruíra para o cuidado em lidar com o outro, que é sujeito. Em suas palavras: “Na pesquisa é muito importante, investigar com o Outro – e não investigar o outro.” Trata-se do respeito ao Outro, sobretudo a trajetória do outro. Daí mesmo, a capacidade de compreendê-lo e de perceber a potencialidade de cada um, que está além do senso comum.

Ana Clara Torres Ribeiro sempre destacou a importância da epistemologia da ciência, ou como ela mesma dizia, a importância de se compreender a luta por uma nova episteme. Diz ela:

[...] A busca por uma nova episteme tem sustentado a valorização do território, das territorialidades, assim como a vitalidade da antropologia e a centralidade atribuída ao campo da história social. Há ânsia por respeito ao diferente, por diversidade, pelo conhecimento dos Outros, pela riqueza do cotidiano, num mundo comandado pela modificação instrumental do pensamento e da ação. (RIBEIRO, 2006b, p.08).

Sua sensibilidade

Ana Clara não se preocupava somente com o ensino (a arte de ensinar), mas também com o aprendizado, estimulando a reflexão e o cuidado para “entrar na cabeça do outro” e valorizar o pensamento. Por outro lado, a arte do inventar, do criar, do redescobrir. Desse modo, participou de dezenas de bancas e orientou pesquisadores de diferentes áreas no Brasil, agindo sempre com generosidade porque aproveitava e valorizava a experiência de cada um.

O LASTRO – Laboratório de Análise da Conjuntura Social: tecnologia e território - foi criado por Ana Clara Torres Ribeiro, em 1996, e possibilitou a organização do acervo de seus projetos de pesquisa e dos estudos destes decorrentes. Esta sigla e esse nome foram escolhas minuciosas que refletem o anseio em compreender as transformações sociais decorrentes da ação do outro, de como o homem comum se movimenta, resiste e se afirma socialmente. Busca também refletir o papel

das então ‘novas tecnologias de comunicação e informação’ - NTIC -, que emancipa e/ou aprisiona, numa sociedade em movimento, em constante transformação.

A sigla LASTRO foi escolhida por que representa a estabilidade, impedindo o naufrágio e a deriva - que o barco vire ou afunde -, tratando de reconhecer a sociedade em movimento, onde se travam as disputas de projetos e de visões de mundo. A metáfora do navio reconhece um oceano incerto, estabilizado pela compreensão do real e, daí, a possibilidade de busca de sentidos.

Linhas de pesquisa que orientaram e orientam o lastro

1) Cultura, comunicação e informação: a nova face do poder metropolitano. A mais antiga linha de pesquisa desenvolvida no LASTRO, iniciada ainda nos anos 80, é até hoje mantida. Valoriza a afirmação da esfera cultural, especialmente a partir dos últimos anos da década de 70, como epicentro da renovação da política e da economia no país. Através desta linha, tem sido realizados estudos dos impactos sociais das tecnologias de informação e comunicação, da imagem urbana, da memória social e da relevância da propaganda na promoção seletiva de lugares e de práticas sociais.

(2) Políticas públicas e vida metropolitana. Nesta linha, desenvolveu-se o projeto de pesquisa Micro-conjuntura: informação e oportunidade nas metrópoles brasileiras, apoiado pelo CNPq, cuja principal meta é a criação de uma proposta metodológica dirigida à denominada cartografia da ação. Esta proposta corresponde ao valor atribuído, na totalidade das atividades do laboratório, à ação social (gesto e discurso) e à análise das políticas públicas.

(3) Conflitos sociais: formas e escalas da ação. Esta linha de pesquisa reúne estudos sobre mudanças na manifestação dos conflitos sociais: culturas políticas; formas de organização; determinantes da reivindicação e do protesto; formação de atores e protagonistas; novos mediadores e assessores; configuração de arenas e alianças políticas; ação organizada e espontânea. Especial relevância é atribuída à visibilidade alcançada pelos conflitos, associada à difusão do meio técnico-científico informacional. Também em articulação com esta difusão, são estudadas alterações recentes na escala espaço-temporal da ação social.

(4) Territorialidades e conjunturas sociopolíticas. Esta linha de pesquisa está dedicada às territorialidades formadas pela ação social, sob o estímulo de mudanças na conjuntura política. Inclui o estudo de territórios relativamente estáveis (acampamentos, assentamentos, ocupações de imóveis) e territórios fugazes (interrupção de vias, ocupação de pedágios, trajetos criados pelos atores políticos). Esta linha envolve estudos sobre: representações coletivas; formas de apropriação do espaço; aprendizados entre movimentos sociais; leituras do território e das oportunidades. Nesta linha, utiliza-se a cartografia da ação.

(5) Impulsos globais: planejamento e poder. Esta linha dedica-se à pesquisa de mudanças na composição dos vetores da modernização da sociedade brasileira. Valoriza-se, sobretudo, a articulação entre: alterações na cultura do planejamento; reestruturação da economia; divisão social e territorial do trabalho; intervenção estratégica do Estado na configuração espacial do país e desiguais oportunidades de integração social. São estudados, ainda, os seguintes processos: transnacionalização do território, fragmentação territorial, colonização da rede urbana, formação de enclaves (guetificação-gentrificação).

(6) Cultura, cotidiano e vida metropolitana. A linha de pesquisa está dirigida ao estudo de alterações no tecido social. Inclui a reflexão de valores culturais, a pesquisa do cotidiano e a análise de imagens e representações da vida coletiva. Apóia-se no exame da estratificação social e da estrutura de classes para apreender mudanças na reprodução social: modos de vida, práticas de consumo, inclusive de bens culturais, e usos do ambiente construído. Nesta linha, são desenvolvidos estudos sobre os limites do consumismo e do individualismo, a influência política dos meios de comunicação e a tensão analítica entre local e lugar.

Projetos desenvolvidos

Vamos destacar alguns dos projetos elaborados e desenvolvidos por Ana Clara no âmbito do Lastro:

(1) 1996 – 1997: Novas Tecnologias no Espaço Metropolitano: questões da saúde e do trabalho.

(2) 1998-2003: Microconjuntura: informação e oportunidade nas metrópoles brasileiras. Trabalha com a valorização do cotidiano, que permitiu a observância da forma como a pequena conjuntura, a conjuntura do pequeno (homem lento), se confronta e influencia as macrotendências. Nessa perspectiva, trabalha a valorização analítica da ação das classes populares e a disputa das oportunidades. Neste projeto foi criado o Banco de Ação e Processos Sociais (BAPS), que vai balizar as análises de Microconjuntura e a Cartografia da Ação (também surge nesse momento). É importante ressaltar o pioneirismo de Ana Clara na construção na Cartografia da Ação. E esse pioneirismo nos permitiu reconhecer tendências em análises de processos ainda inconclusos. Neste sentido, destacamos as rebeliões ocorridas em presídios paulistas na primeira metade dos anos 2000, onde, Ana Clara ao ver a conjuntura em construção, reconheceu a possibilidade de uma rebelião coordenada, fato este que aconteceu alguns meses após a análise. Podemos destacar alguns dos principais conceitos desenvolvidos durante este período, como conjuntura urbana, nicho de oportunidades sociais, impulso global, involução intrametropolitana, arena oculta, superficialização das relações sociais, imagem-síntese, promoção cultural, mutação social, adesão e desadesão sociais (a projetos políticos).

(3) 2003-2006: Cartografia da ação e análise de conjuntura: reivindicações e protestos em contextos metropolitanos. Aperfeiçoamento da Cartografia da Ação, onde busca-se a vitalidade do tecido urbano e o estudo, empiricamente consistente, de estratégias e táticas sociais. Neste contexto, surge a opção de trabalhar com cinco regiões metropolitanas, estendendo as análises sobre a ação social: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belém e Porto Alegre. Trabalhamos também, com menos intensidade, com Salvador e Recife. Nas várias mediações, a verdadeira Cartografia da Ação, vai estabelecer o diálogo, a interface, entre as várias dimensões do conhecimento (a sociologia, a geografia, o urbanismo, a política, a cultura). O projeto permite também a ampliação da base metodológica do Laboratório, na medida em que além dos bancos de dados que apoiam e orientam a análise de conjuntura, a pesquisa tem passa a ser realizada através do diálogo intenso com lideranças populares, documentação completa de movimentos espontâneos e organizados, experimentos em cartografia, difusão de análises de conjuntura (impressas e por meio eletrônico).

(4) 2007-2009: Vínculo Social: cartografia da ação em contextos metropolitanos. Valoriza vínculos sociais construídos a partir da dimensão do real que Milton Santos

(1996) denominou de território usado. Relação com agência (ação) humana inscrita no cotidiano e no lugar. O território usado exige a inclusão de todos. O reconhecimento de novos processos de organização que transformam sentidos e, logo, a direção de lutas pela apropriação do espaço urbano.

Vale destacar a tríade composta pelas três grandes pesquisas apresentadas acima (e vinculadas aos conceitos de microconjuntura, cartografia da ação e vínculo social). Esta tríade representa a imensa importância de um constructo intelectual que orienta as reflexões de uma mente privilegiada, de análises formuladas a partir de uma vida de compromissos e valorização do pensamento social brasileiro, do “[...] pensamento que não se omite, que se posiciona, que propõe a inclusão e a preocupação com os processos de exploração e opressão”⁶. Diríamos que a tríade e os frutos dela são o núcleo do pensamento da Professora-pesquisadora Ana Clara Torres Ribeiro, e uma das suas contribuições mais valiosas.

Os demais projetos a seguir, na nossa percepção, referem-se a aplicações das correntes de pensamento desenvolvidas nos três projetos anteriores. São eles:

(5) 2009-2012 (em andamento): Territórios da juventude: experiências em cartografia da ação (São Gonçalo, RJ). Consiste na realização de estudos da apropriação do espaço urbano por jovens estudantes da rede pública estadual, residentes no município de São Gonçalo, a leste da Baía de Guanabara, periferia da metrópole do Rio de Janeiro. Incorpora nesta investigação a proposta de elaboração da metodologia da cartografia da ação como técnicas pedagógicas ativas de leitura da realidade. Aproxima pelo mapa as experiências dos jovens com o lugar e a leitura da ação social no espaço metropolitano presente. Confronta a geografia tradicional, no âmbito do ensino fundamental, pela aplicação da Cartografia da Ação ao Ensino da Metrópole. O projeto foi desenvolvido pelo Laboratório de Estudos Metropolitanos do Grupo de Pesquisa Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas, do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

(6) 2011-2012 (em andamento): A centralidade popular: cultura e apropriação do espaço no centro histórico do Rio de Janeiro. Este projeto destaca a apropriação cultural no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Trabalha o confronto de identidades e as múltiplas formas dominantes e não dominantes de ação sociocultural, visando

⁶ Conforme observado pela banca avaliadora do Concurso de Professor Titular para o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, realizado em outubro de 2011.

compreender a dinâmica da presença popular nos espaços públicos contemporâneos contidos no centro histórico. Busca ainda entender a orientação da gestão dos equipamentos culturais aí sediados e as demandas por espaço, legitimidade e cultura de grupos que praticam este espaço tais como: associações de moradores, sindicatos da classe trabalhadora, trabalhadores, ambulantes, moradores de rua e pessoas comuns. O projeto está dirigido à análise de processos sócio-espaciais e à formulação de intervenções urbanas que permitam o enfrentamento da exclusão cultural e da violência simbólica, sofridas pelas classes populares no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Ele originou do Banco de Ações Culturais (BAC), que relaciona experiências, práticas e táticas de acionamentos de recursos culturais por grupos populares, vinculados à experiência urbana.

Experimentações recentes

Finalmente, entre as recentes investidas epistemológicas, encontra-se, pela interlocução, a redescoberta da corporeidade em plena época da globalização.

O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível diante de um universo difícil de compreender. (SANTOS, 1996, p.251).

Assim, diante da efetividade de refletir e representar, através da Cartografia da Ação, os movimentos tentativos de transformação da realidade pelos homens comuns (situando-os em um contexto indissociável de espaço e tempo), resgata-se, pelo sujeito da ação tentativa de mudança, a sua corporeidade.

Além disto, traz para contexto da interdisciplinaridade o saber corporal e da consciência do movimento posta em prática e sistematizada ao longo da vida da bailarina e coreógrafa brasileira contemporânea Angel Vianna. Este saber prático compartilha a crença no potencial humano como condição de desenvolvimento, e busca incorporar a vida humana como trabalho de si. Em termos gerais, valoriza-se a noção de que pela sua corporeidade, todo ser tem uma interioridade e também preenche um espaço, favorecendo ao corpo estar aberto ao mundo pela frequente revisão de si e dos

hábitos no modo de se relacionar e partilhar o espaço com o outro. Assim, é criada uma renovada experiência do que vem ser a complexidade humana que envolve o social e suas influências, rotinas e costumes

Este movimento em direção à corporeidade, apontado por Ana Clara (2010), considera também a valorização de técnicas de teatro – metodologias e estética como as do Teatro do Oprimido (BOAL, 2009) - que favorecem a participação em cena de qualquer pessoa comum, valorizando sua expressão narrativa, criativa e dramática, relatando e questionando a experiência de si, e de nós, diante das dificuldades concretas do mundo e experimentando a possibilidade de sua superação positiva.

Mais uma vez revela-se uma Ana Clara sempre atenta às condições objetivas e às de subjetivação da vida na cidade (especificamente os problemas ligados às relações sócio-espaciais de gênero, geração, classe, e interculturais), assim como ao convívio coletivo e a necessidade de complementação e socialização dos benefícios universais da urbanização contemporânea.

Engendrando caminhos: algumas considerações

Na conferência para o concurso do cargo de professor titular, o IPPUR/UFRJ, em outubro de 2011, Ana Clara destacou: “Existem mortos que estão mais vivos, do que os vivos que estão por aí.” A passagem orienta uma visão de mundo, que ajuda a compreender a construção do pensamento, diante da complexidade da existência. Neste sentido, seu diálogo intelectual, denso e reflexivo permitiu a inclusão de novas possibilidades no fazer ciência (resgatando pela metodologia, a possibilidade de se fazer teoria e filosofia juntas), no introduzir o necessário diálogo entre os saberes interdisciplinares e com aqueles saberes cujo conhecimento é construído na experiência do viver.

Sem dúvidas, sua Sociologia do Presente constrói uma outra leitura do Brasil e da América Latina ao valorizar diálogos e práticas interdisciplinares, interterritoriais e transescalares. Seu pensamento estará vivo na memória do pensamento social brasileiro, engendrando caminhos e ajudando futuras gerações a conhecer as possibilidades de um mundo novo, de outras alternativas.

REFERÊNCIAS

- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LEFEBVRE, H. **Direito à cidade**. 4.ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARTINS, J. de S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2.ed. rev. ampl. São Paulo: Contexto, 2008.
- RIBEIRO, A. C. T. Dança dos sentidos: na busca de alguns gestos. In: BRITTO, F.; JACQUES, P. B. **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: Editora da UFBA, 2010. p.24-41.
- _____. A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação. **Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, v.21, p.23-32, 2006a.
- _____. Prefácio. In: ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006b.
- RIBEIRO, A. C. T.; LOURENÇO, A. **Tipologias da prática: territorialidades insurgentes e racionalidades alternativas**. Trabalho apresentado a Reunião do Grupo de Trabalho Desenvolvimento Urbano do Clacso, Medellín, 2005.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- RIBEIRO, A. C. T. **Transcrição de conferencia proferida durante o concurso de Professor Titular no IPPUR-UFRJ**. Rio de Janeiro: LASTRO, 2012. No prelo.
- _____. Territórios da sociedade: por uma cartografia da ação. In: SILVA, C. A. da (Org.). **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2011. p19-34.
- _____. Outros territórios, outros mapas. **Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, v.6, n.16, p. 263-272, 2005a.
- _____. Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana. **Cadernos do CRH**, Salvador, v.18, p.411-422, 2005b.
- RIBEIRO, A. C. T. et al. **Formas em crise: utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2005c.

_____. Tendências da metropolização brasileira: ação e território. **Revista da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v.2, n.11, p.38-45, 2003.

_____. Leituras de movimentos: conjuntura, ação e poder. **Temporalis**, Brasília, v.2, p.09-20, jul./dez. 2002a.

_____. O ensino do planejamento urbano e regional. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v.4, n.1/2, p.63-72, 2002b.

_____. Micro-conjuntura: uma proposta de análise da aceleração da vida urbana. **Revista de Ciências Sociais**, Costa Rica, n.19, p.94-103, 2001a.

RIBEIRO, A. C. T. et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.33-52, 2001b.

_____. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v.24, p.82-86, jan./abr. 2000.

RIBEIRO, A. C. T.; CAMPOS, A.; SILVA, C. A. **Cartografia da ação e movimentos da sociedade**: desafios das experiências urbanas. Rio de Janeiro: Laparina; FAPERJ; CAPES, 2011.